

## **Perda de Identidade**

*J. Roberto Whitaker Penteado*

O economista Paulo Nogueira Batista - que vai assumir uma das diretorias no FMI, em Washington, representando o Brasil e 4 outros países sul-americanos - escreveu um curioso artigo no *O Globo* de sábado passado.

Citando Nelson Rodrigues, que afirmou, certa vez, que brasileiro não pode viajar, sob pena de perder a pouca identidade que possa ter, Batista endossa suas palavras, escrevendo que a permanência no exterior - em universidades, bancos privados e organismos internacionais - produz "uma descaracterização violenta do brasileiro, que volta ao país (quando volta) como súdito leal das potências hegemônicas" e chama a isso de "recolonização mental e emocional".

Com tanta candura, pretende o economista tentar preservar-se de tal síndrome e pede aos leitores que o ajudem, escrevendo e reclamando.

Gostei dessa postura corajosa e do artigo original. Acho pouco provável que os leitores possam ajudar muito, assim à distância; mas é louvável que, pelo menos um brasileiro, chamado a exercer funções "lá fora" não se deixe mesmerizar pelos refinados cantos das sereias primeiro mundistas.

A rápida identificação cultural do brasileiro com seu epicentro europeu faz com que encontremos, muitas vezes, patricios expatriados, em Londres, mais britânicos do que os ingleses ou, em Paris, mais parisienses do que os nativos... Mas receio que Batista só tenha percebido uma parte do problema - e que ele seja maior do que parece. É possível que nossa inabilidade em preservar, no exterior, uma hipotética "brasilidade" seja consequência do fato de que, bem no fundo, ainda continuemos europeus - e o nosso exílio (apesar dos belos versos de Gonçalves Dias) seja aqui mesmo...

Não cabe, neste espaço curto, uma retrospectiva histórica. Basta dar uma olhada nas matérias que nos são ensinadas em crianças, nas escolas primárias e de nível médio. Onde estão os estudos sobre as culturas indígena ou africana - responsáveis por 2/3 da nossa herança genética? Ou mesmo um verniz, que fosse, sobre as culturas mais recentemente emigradas, de italianos, árabes e japoneses? Quais serão as resultantes dessa ignorância?

Continuaremos a ser uma sociedade esquizofrênica, na medida em que insistimos em lidar com os nossos grande problemas, tentando dar-lhes soluções importadas - mesmo involuntariamente. E não será só nosso, o dilema, mas de todo o Continente. O realismo fantástico, que caracteriza nossa literatura comum, não será fruto de uma inabilidade de lidar, até, com um imaginário verdadeiramente nosso? E - mais longe - a badalada "semana" de arte moderna, de 1922, acolheu com mais entusiasmo os sotaques renovadores da França e da Itália, dando as costas ao indesejado dialeto caipira da obra de Monteiro Lobato, publicada seis anos antes.

Agradeço ao Paulo Nogueira Batista por ter aberto essa fresta para vislumbrar uma questão importante. Um amigo costuma dizer-me que nada resolveremos, no país, enquanto não formos capazes de identificar quais são os problemas. A busca de nossa verdadeira identidade talvez continue sendo o mais importante de todos.

**Disponível em:** <<http://www.jrwp.com.br/artigos/leartigo.asp?offset=135&ID=389>>. **Acesso em: 30 jul. 2009**